

O alienista

Sérgio Paolozzi – escritor; autor, entre outros livros, de O galo urbano, e O canto da cigarra.

O dr. Simão Bacamarte esteve, ontem, em visita à Câmara Municipal de Itaguaí.

Eu estava lá, e, meninos, eu vi.

O que foi fazer, na Câmara de vereadores, o mais famoso dos nossos alienistas, criador, em nossa cidade, de um estabelecimento para internar débeis mentais?

Quem responde é Machado, com sua pena ágil. - Foi fazer aquilo de que não o julgávamos capaz: política.

Depois de chamar a si as decisões sobre quem será internado e quem fica de fora, o dr. Bacamarte foi pedir ajuda para ampliar as instalações do seu hospício.

Compareceu, por isso, conduzindo pela mão os donos de algumas empreiteiras de engenharia civil. Disse: - Vocês só enxergam um lado do problema. Mas eu, que sou o principal responsável pela saúde e bem estar de Itaguaí, devo enxergar o problema sob todos os seus ângulos.

E mostrou, então, porque é considerado um mito: porque, além de seus conhecimentos sobre saúde pública, também é filósofo: - “Vocês erram porque, acima da razão, colocam a emoção. No momento de tomarmos uma decisão sobre o que é melhor para a saúde coletiva, em vez de nos preocuparmos com perdas eventuais de pessoas a quem somos mais próximos – aí incluídas as crianças (nossos filhos) e os idosos (nossos pais) – devemos pensar na continuidade de serviços importantes para a sociedade; em outras palavras, precisamos cuidar dos interesses da indústria, do comércio e dos bancos, que também precisam sobreviver.”

Percebam a sutileza. A razão não está em sopesar fatos e argumentos; não está em avaliar o que dá e o que não dá certo. Está em atender aos interesses, e, principalmente aos interesses dos mais dotados. Para medir os sintomas de demência, ele propõe uma inversão copernicana, e considerar anormal o que antes era considerado normal; racional o que antes era tido como irracional.

É por isso que Bacamarte foi, à Câmara, fazer política. Porque, não sendo imediatista, está pensando adiante, e ampliando sua base de apoio. Ao mesmo tempo, foi dizer aos vereadores: os senhores podem me fazer oposição ou me negar apoio. Mas, se me ajudarem a ampliar as instalações do meu hospício, passaremos a governá-lo juntos.

Ninguém se lembrou de perguntar por que motivo ele havia subestimado, antes, uma crise que, agora, fazia necessário ampliar o hospício. Se afluísse a pergunta, a resposta estava pronta, na ponta da língua: - As coisas não são bem assim. E, afinal de contas, quem manda ali sou eu.

Nada impedirá que, amanhã, prefira agir segundo Machado, com seu cérebro arguto, por antecipação registrou. Com efeito, esse biógrafo do alienista nos deu conhecimento prévio de ofício enviado à Câmara, no qual Bacamarte expõe e informa: 1º) que, segundo as estatísticas, quatro quintos da população estavam reclusos no seu hospício; 2º) isso o levava a reexaminar os fundamentos da sua teoria, que considerava patológicos todos os casos em que o equilíbrio das faculdades não fosse perfeito e absoluto; 3º) que, desse reexame, resultara a convicção de que a verdadeira doutrina não era aquela, mas a oposta; e portanto, que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades; 4º) que, à vista disso, daria liberdade a todos os reclusos do hospício.

Alguém poderá perguntar, visto que falamos do futuro: mas em quem irão votar os que tiverem perdido, para a insanidade, os seus familiares e amigos?

É Machado quem responde, com o verbo no passado: - nenhum ressentimento ficou dos atos que Bacamarte praticara: ao fechar o seu hospício, os que nele tinham ficado reclusos sentiram-se tomados de profundo reconhecimento e férvido entusiasmo.